

humanitas

Vol. LXI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HVMANITAS

Vol. LXI



GARCÍA PÉREZ, David, *Prometeo. El mito del héroe y del progreso*, México, Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. ISBN: 970-32-3984-6.

O mito do deus que quis ser homem, Prometeu, conquistou e moldou o imaginário ocidental desde a Grécia do século VIII até aos nossos dias. Tendo sofrido transformações à superfície, conservou a essencialidade mítica do ponto de vista estrutural e semiótico e converteu-se no símbolo das íntimas ansiedades humanas das sociedades que lhe conferiram notoriedade literária ou icónica.

O estudo que aqui se comenta constituiu, na sua origem, uma tese de doutoramento em Literatura Comparada do investigador D. García Pérez e explora exaustivamente o contínuo – infinito, de certa forma – processo de recepção do mito do titã, tomando como referencial o relato hesiódico e considerando os tratamentos posteriores variantes desta matriz.

Suportado por uma estrutura hermenêutica tão ousada quanto interessante, parte de uma fundamentação teórica sobre a definição da área de estudos da literatura comparada e da mitologia, evocando as suas limitações e potencialidades. Na senda de H.-G. Gadamer, o A. baseia-se na mesma noção vitalista de mito, reconhecendo o seu papel enquanto agente dinamizador de uma cultura: “Una cultura sólo podría florecer en un horizonte rodeado de mito. La enfermedad del presente, la enfermedad histórica, consistiría justamente en destruir este horizonte cerrado por un exceso de historia (...)”¹.

Apresentada e justificada a metodologia, explora depois o largo espectro de análise, o tratamento da figura de Prometeu desde Hesíodo (século VIII-VII a. C.) a James Cameron (1984), partindo de um *corpus* necessariamente selectivo. Para abarcar a complexidade deste universo, o investigador divide o estudo da evolução do mito em dois tempos, a saber, a concepção clássica do Prometeu entre os séculos VIII a.C. e II d.C., analisando os vários significados na obra de quatro autores: *Trabalhos e Dias* e *Teogonia* de Hesíodo, *Prometeu Agrilhado* de Ésquilo, *Protágoras* de Platão e, finalmente, o *Diálogo dos Deuses* de Luciano (pp. 67-168). Do mesmo modo que apresenta a diversidade das visões etiológica, trágica, moral, didáctica e filosófica nas épocas arcaica e helenística da Grécia antiga, observa também as manifestações prometeicas no século XX do herói

¹ Gadamer, H.-G. (1997), *Mito y razón*, Barcelona: Paidós, p. 16.

moderno na literatura francesa da primeira metade do século XX, na obra de A. Gide, *Le Prométhée mal enchaîné*, e na de A. Camus, *L'Homme Révolté*. O percurso só termina com a recepção do mito prometeico na chamada pós-modernidade, analisando as criações de Max Fleischer e Robert Kane, respectivamente, o *Super-Homem* (1933) e o *Batman* (1939), rematando com a análise da obra de James Cameron, *Terminator I/II* (1984/1991).

Propõe-se assim a análise das diversas manifestações culturais do mito prometeico, investindo-se numa metodologia comparativa do ponto de vista semiótico. O A. identificou o seu embrião na tradição mitológica mesopotâmica, na figura de Enki do poema sumério-babilónico *Atrahasis*, que, tal como Prometeu, era uma divindade menor que se insurgiu contra um deus superior, Enlil, o equivalente sumério ao Zeus grego. Influenciado por esta figura épica, Hesíodo conferiu expressão poética ao mito prometeico estabelecendo assim um arquétipo mítico que constituiu o ponto de partida para a sua transmissão, processo que só se concluiu com o tratamento de Luciano, que terá, finalmente, cristalizado a versão que passou à posteridade. Luciano de Samosata pertence àquele número de pensadores latinos que manifestou interesse intelectual pelo pensamento grego, apresentando, por isso, uma intensa recepção dos temas gregos, tendência que contribuiu para a definição da cultura grega no Ocidente. A recuperação moderna do mito conservou os traços essenciais – caso contrário, também não o reconheceríamos –, reunindo as qualidades éticas antigas. A obra de A. Gide dista cinquenta anos da obra de A. Camus, mas apresentam várias semelhanças no tratamento: ênfase da dimensão humana e heróica de Prometeu, a exibição do absurdo – apresentar problemas ao sujeito sem solução evidente –, a noção implícita de “acto gratuito” – algo que aparece no destino dos homens de forma *autónoma*, sem razão aparente – e a acção do herói que tem como objectivo salvar o homem da vida sem sentido. Tanto um como outro problematiza o rosto da liberdade, enquanto no mito clássico este é um valor que exige obstinação, sofrimento, solidão; no entendimento destes dois autores do século XX, a liberdade é sentida como uma prisão, da qual o próprio homem se torna também vítima: “La consciencia que ata y tortura al hombre en lugar en hacerlo libre.” (p. 180). Tal como o acto de *hybris*, também o progresso revela a outra face trágica, pois se o progresso constitui uma crise, o acto que daí resulta, a *hybris*, desencandeia outro estado de crise.

Abordada a tipologia do herói moderno em Gide e Camus, o A. prossegue a sua análise já noutra esfera, a filmografia, dotada de uma

linguagem semiótica própria, mediatizada e de dimensão comercial, centrando-se nos casos do *Super-Homem* (1933) e do *Batman* (1939). O modo de representar o mito sofreu, com efeito, uma longa evolução desde a tradição oral da antiga Grécia, perpetuada pelo aedo, até à tecnologia hodierna que permitiu a reprodução mecanizada de conteúdo de carácter preponderantemente visual, onde confluem outras linguagens. Assim, enquanto que a primeira via de transmissão garantiu a vitalidade do mito pelo facto de conservar uma narrativa aberta e renovável, o segundo modo teve o efeito inverso, pois a contínua reprodução de um conteúdo idêntico inviabiliza a criação ou renovação. Contudo, o mesmo autor que os incluiu na análise problematiza, a dada altura, o estatuto de herói destas duas figuras (p. 253), revelando que têm apenas esta qualidade pela força da palavra que uma vez os rotulou como tal, já que apresentam uma natureza efémera e alimentam as ilusões das sociedades pós-industrializadas. Além disso, o herói já não tem como fim oferecer a liberdade ao homem – esta já lhe tinha sido democraticamente reconhecida –, mas salvá-lo do perigo do outro e de um sistema desumanizado, um vazio que se define pela perda de confiança no progresso ou numa ideia de justiça. A pós-modernidade é sentida como a era do vazio, no sentido lipovetskiano, da transitoriedade, e os heróis que daí emergiram correspondem a uma síntese icónica desta condição.

Quatro décadas se seguiram até que o autor identificasse uma nova manifestação do mito prometeico, a saga *Terminator* I/II (1984/1991), cujo herói é vazio do ponto de vista moral e ideológico, à imagem e semelhança da sociedade pós-moderna que o gerou. É o húmus niilista que propicia a emergência de uma máquina previamente programada como herói, projecção idealista que desresponsabiliza, à partida, o homem do pensamento e da acção, já que cede voluntariamente a sua autonomia – a mesma que outrora o movia e atirava para o abismo. Neste caso, a função do mito parece ter chegado a uma situação de impasse, pois perdeu as diversas dimensões que outrora o justificavam – a religiosa, a didáctica e a filosófica –, convertendo-se num fenómeno de massas com fins comerciais.

A linha de investigação foi desenvolvida de acordo com os objectivos iniciais, de forma exaustiva e coerente. Contudo, não podemos deixar de sentir o silêncio em relação ao *Übermensch* nietzscheano que tanto marcou o século XX do ponto de vista político, filosófico e cultural, e que constituiu, para muitos, a filosofia legitimadora das emancipações dos regimes totalitários. Não seria supérfluo referir e medir a influência da conferência *On*

Heroes (1840) do historiador e filósofo escocês Thomas Carlyle, que distingue seis tipos de heróis – o herói divindade, o profeta, o poeta, o sacerdote, o literato e o herói Rei² –, ou mencionar uma obra do seu amigo J. W. Goethe, o fragmento dramático *Prometheus* (1774), de modo a observar a forma como integram ou não a linha de recepção prometeica. Esta ausência, contudo, não afectou a clareza da análise exposta que contextualizou cada leitura mítica, nunca perdendo de vista a metodologia comparativa que permitiu produzir conhecimento novo e destacar traços inéditos e surpreendentes, dificilmente reconhecíveis se se tivesse preferido outra perspectiva de análise. Por tudo isto, o presente volume constitui, a nosso ver, um contributo pertinente, útil e interessante para diversas áreas do saber, desde os estudos clássicos, à mitologia e à filosofia política.

ÁLIA ROSA C. RODRIGUES (bolseira da FCT / CECH-UC)

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês; OLIVEIRA, Francisco de (orgs.). *Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade*. Campinas: Alínea, 2008, 294 pp. ISBN: 9788575162569.

Ao tratar da questão da identidade, Jacques Derrida buscou desconstruí-la com o que chamou de *trouble de l'identité* [abalo da identidade]. Neste 'quase-conceito', o que se faz notar é a insuficiência de qualquer instância que aprioristicamente determine o eu. Assim, só será possível perceber aquilo que de fato singulariza o 'eu' (o 'self') mediante o incessante abalo deste 'si' por toda irredutível alteridade que no 'mesmo' deixa seus rastros. A proposição de Derrida – que, como tantos pensadores modernos e contemporâneos, pôs em causa a suposta naturalidade da condição subjetiva – ecoa audivelmente o *Übermensch* [além-do-homem] de Nietzsche, metáfora com a qual o pensador germânico deu a conhecer suas expectativas filosóficas quanto à superação do humano: um homem que fosse sempre travessia, nunca conformado a um ponto de chegada.

Esta perspectiva metamórfica é a que norteia o livro *Representações do masculino: mídia, literatura e sociedade*, coorganizado por Maria Inês Ghilardi-Lucena (da Pontifícia Universidade Católica de Campinas) e

² Carlyle, T. (2002), *Os Heróis*. Tradução Á. Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores.